N.º 19 (141) — 3.º ANNO | **Terça-feira, 7 de Março de 1911** | **PREÇO 20 RS.**

Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ

DIRECTOR
ESTEVÃO DE CARVALHO

CARICATURISTA
SILVA E SOUSA

ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

Composto e impresso na A EDITORA — L. do conde Barão, 50

SUCCESSOR DO JORNAL O XUÃO

Redacção e administração, R. da Rosa, 162, 1.º Esq.º - LISBOA

EM MARÇO... TOSQUIAM-SE

QUEM GANHARÁ O JOGO N'ESTA DISPUTA TÃO BURRICAL?

S. S.

A restauração da monarchia

Numero sensacional de "O Zé„

Em vista de se ter restaurado a monarchia em Portugal, segundo as noticias que os thalassas espalham no Brazil, a redacção de «O Zé» resolveu consagrár o proximo numero a este facto que está no coração de nos todos . . . bons e convictos republicanos.

Somos os primeiros a adherir visto a monarchia se ter restaurado sem monarchicos, pois que todos adheriram á republica.

«Biba» a «libaral» monarxia portugueza!

«Biba» a «famila» real, o D. «Manel» e as respectivas ceroulas!

Biba! Biba! Biba!

Pós, Cinza, Confetti e nada

Depois de termos pecca lo por pensamentos, palavras e obras... publicas e particulares; por pensamentos, phantasiando horas bem passadas e... futuras, com uma donzella que dardejámos com o olhar; por palavras galanteando a mulher do proximo mais proxima, ou apostrofando em alta e viva voz mandando áquella parte onde ninguem vai; por obras, amachucando uns côcos no Chiado e feito em cacos uns vidros d'uma visinha ou n'um baile de mascaras dançando uma mazurca tão chegado ao par, que mais parecia estar dançando o «Chega te a mim» ou o «Compadre chegadinho»; obras peccaminosas mas que são as verdadeiras obras... de misericordia divina para o nervo humano; Depois de ter pago as devidas dividas, contrahidas com as dadivas feitas áquelle «dominó» roxo que parecia tão terno e por quem fizeste uma scena por causa d'uma quadra; depois emfim de teres concluido as contas, limpado o fato, e ter posto novamente o dominó no Guarda Roupa, que te resta fazer, pobre mortal, que á face de Deus tanto peccaste n'aquelles tres dias?

A Penitencia.

Depois do fogo do enthusiasmo a agua benta vem, apaga o fogo e só ficam as... Cinzas.

A Egreja assim o quer. A' mascara succede outra mascara: a hypocrisia do padre; em seguida aos calices de aguardente e ginginha a sociedade esvasia o calice... de amargura. Do guiso sae o sino, do confetti e dos saquinhos passa se... ás hostias sant-s e aos saccos para as almas. Satisfeitas as contas dos restaurants passa-se ás contas dos... rozarios. Do dia claro vai se para as Trevas. Os que se divertiram e os que fizeram cruzes na bocca, vão adorar as cruzes dos altares.

E' a penitencia que se impõe! Leitor, ajoelha e confessa-te!

*

A questão clerical, durando seculos e seculos vai se tornando secular. A prohibição da leitura do pastoral tem levantado em Portugal alguns clamores, mas os pastores da egreja teem de abrandar as iras d'outras eras, e ficar mais mansos que cordeiros, senão... O nosso patriarcha, que tem toda a vida sido bello, e tem evado uma bella vida, estava resolvido a só correr o prior do Soccorro, se o ministro da justiça não o soccorre com a sua intervenção garantindo-lhe a estabilidade do seu logar o que deu logar a mais uma bella ira do sr. Bello. O Governo acha e muito bem, que o bispo póde ser castigado como qualquer outra personagem catholica. O sr. prior de St.ª Justa não imaginava assim, pois, como annunciou a «Capital», o sr. Fiandeiro, fiando se justamente não sabemos em que deixou ir o sachrista do sachristão de S. Nicolau no seu logar n'um enterro. E ao sr. prior que é segundo dizem muito boa pessoa, callado e collado não seria mal tirada a freguezia ficando o que se chama um prior descollado!

A Hespanha meche-se contra o monstro e mostra-se altiva com a Curia Romana. Canalejas que tem um paço a traval o está a dois passos do rompimento, ao passo que o nosso Governo parece ficar a marcar passo.

Em França terra de franca gargalhada, o clericalismo alastrava, Briand não tinha a força para vencer a farça catholica e cede o logar ao senador Moniz que parece disposto a travar a lucta destravada!

A religião unica, a unica fé (ser ser o da Brazileira) é a que reside no Bem, na Verdade e no Trabalho. O povo portuguez anceia pelo numero de sensação do programma do Governo Provisorio: a Separação da Egreja do Estado. Que isto de religiões, na hora actual está pela hora da morte; a verdadeira religião é cada qual em sua casa com sua mulher e seus filhos.

*

Nota—Afinal o sachrista de S. Nicolau já recebeu ordens e a desordem que ia causaddo era infundada por estar coadjuctor em St.ª Justa.

EU PROPRIO.

♣

Deus não dorme

Lá foi a fabrica velha de Negrellos devorada pelas chamas. Ora ahi teem o castigo, por explorarem infamemente as mulheres e as crianças pagando lhe irrisoriamente!

E dizem que não ha «deus»!

Está velhinho, tem mais de 6:000 annos, mas ainda vive, graças ao diabo!

Excentricos

III

A um chapeu de aba de charuto

Meu triste e velho côco d'aba curta,
O' meu pobre penante d'aba estreita,
Victima do chapeu d'aba direita,
Que a primasia antiga hoje te furta.

Tu que fostes da montra a «flor da murta»
Chapeleta da velha moda eleita,
Sofre agora infeliz essa desfeita,
Caravela esquecida, ao longe surta...

Tanta vez me serviste de ornamento,
E immolada da moda ao vão capricho,
Já não mostras á «Lisbia» o luzimento!

Como um Santo que um dia cae do nicho
E se parte perdendo o valimento
Vae misero chapeu, vae para o lixo!!

VIU-SE GREGO.

A' urna cidadãos!

O' meninos, nós estamos a fazer economias ou não?

Estamos a poupar, a endireitar as tortas finanças que a monarchia nos deixou á similhança d'um pau de boi, ou estamos a gastar?

Vamos a pôr tudo isto a direito, ou vamos a igualar isto a um arrocho?

Começamos a ter juizo ou caminhamos para Rilhafoles?

Respondam-nos se fazem favor!

Quatro mil réis por sessão, seis mil réis por duas, a cada deputado, que ninguem obriga a ir para a Camara, seis milhos a um cidadão, por uma funcção, que, se a vae desempenhar é porque quer, é porque é patriota, ou porque vindo da provincia e percebendo muito de agricultura, de nabos e de tomates, quer vir elaborar um programma de remodelação da marinha de guerra, seis mil reisinhos a um cavalheiro que cheio do sagrado fogo da patria, a impar de amor patriotico apenas se deseja sacrificar em defeza dos seus concidadãos, é dispôr biberalmente demais das massas do Zé, hão de convir, que é gorgeta demasiada.

Dir nos-hão que é muito justo e muito patriotico.

Talvez. Mas muito mais patriotico seria fazer todos os sacrificios pecuniarios, todas as diligencias, para melhorar as condições economicas do «Zé».

N'um momento em que um ministro diz a dois delegados d'uma classe trabalhadora do Estado, não ser possivel augmentar em mais uns vintens o seu salario, porque isso iria onerar demasiadamente o thesouro publico, dar assim sem mais aquellas, quatro ou seis mil réis a cada cidadão deputado olhem que isso é muito dentro, meus caros amigos!

Quatro mil réis por cada sessão!

O' filhos quem não ha-de querer ser deputado? Quem se não ha-de propôr para defensor da patria?

Até nós! Até nós, queremos e havemos de ser paes da patria!

Assim brevemente será affixado o seguinte aviso, em que a malta do «Zé» se propõe sem mais cerimonias:

Ao povo da capital

Rapaziada reinadia que se deleita com o «Zé»: a redacção acaba de propôr á consciencia do eleitorado uma lista sua, isto em vista do subsidio sêr convidativo e dar esperanças de que se venha a vivêr menos mal a porca de a vida.

N'esta conformidade propômos os seguintes cidadãos que com certez a cahirão nas palminhas:

Joaquim Neves por Alguidares de baixo.
Estevão de Carvalho por Alguidares de cima.
Armando Ferreira por S. Vicente de Alto - a com Elle.
Eurico Zuzarte por St.ª Joanna de monta arriba.
Silva e Souza por Sarilhos Derreados.
Ricardo de Souza por Fornos Gelados.
Zé Ilhéu por Freixo de Espada á Cinta.
Manoel Chagas por Aldeia dos Magros.
Alfredo Osorio por Rilhafolles.
Stuart Carvalhaes por Ceboleira.

Todos estes cidadãos fazem a promessa que pela memoria de seus respectivos netos promettem cumprir: dar dez camochos por cada sessão ao cavalheiro que mais votos comsiga arranjar.

O melho medicamento contra o rheumatismo é o SEDATOL

... FERREIRA DE VEIRA Silverio Ferreira da Costa 231—RUA DA PRATA—231

Casos bicudos

Já lá vae o carnaval e a gente sem saudades nenhumas d'elle.

Pois olhem que deviamos ter; e muitas!

O Carnaval este anno foi só um. Antigamente tinha a gente pelo menos tres carnavaes. O primeiro era o carnaval de fevereiro; aquelle carnaval malcreado e porcalhão que principiava a um domingo e acabava fatalmente á terça-feira; o segundo era o carnaval da egreja, as intrujices catholicas, os che-chés de corôa aberta, as cégadas procissionalmente estendidas pelas ruas fóra; o terceiro finalmente, era o carnaval da monarchia com o Manoelsinho vestido de homem, a Amelia mascarada de rainha, e toda uma parodia enorme de comilões a dançarem ao redor do cofre publico.

Era no periodo d'estes tres carnavaes que todos afivelavam a mascara do cynismo. Tinhamos pois um anno cheio de cégadas politicas, e de mascaras pessoais.

Ora este anno que apenas tivemos um carnaval, sem contar, é claro, o carnaval dos adhesivos, nós deviamas estar aqui a chorar de saudades por elle.

Mas não senhor. Estamos aqui seccos como um bacalhau, imperturbaveis e rebeldes á lagrima como um policia. «Olhem-me» para nós que nem uma lagriminha sequer nos verão ao cantinho do olho! Aqui estamos nós sem um soluço, sem um suspiro, sem «nada» e sem «coisa nenhuma».

Pois é verdade, não temos saudades do carnaval.

E porque?

Porque o diabo do Carnaval este anno foi o mais ruim que nós conhecemos:

O carnaval antigo acabou. A dança da lucta morreu, porque os fadistas hoje já não são da Bica são da rua do Ouro, e estes não sabem fazer pinos. A parodia a brincadeira mais caracteristica, mais tradicionalmente portugueza, espichou tambem.

Ficou-nos o peor. A cegada e a batata.

Ainda se as batatas fossem para as cegádas, estava a coisa muito bem, que nós admitimos a batatada sempre que não seja na gente.

Agora batatada em cima d'uns desgraçados que vão todos janotas para o Chiado, distribuindo pacificamente innocentes bilhetes postaes, isso é deshumano, é anti-civilisador, é... é.. (dá cá o diccionario, ó rapaz!)

Ah! agora nos lembra o que queriamos frisar: é o seguinte.

As thalassicas batatas que nos arrumaram no Chiado, e que nós retribuimos heroicamente (a ponto de ser-mos abordados pela civica) não vieram senão da mão de reaccionarios, de infames ultramontanos, etc.

Portanto aqui fica o nosso violento «ultimatum».

Se para o anno tornamos a ser tão gentilmente mimosiados, mettemos o Machado dos Santos dentro do nosso castello, e em logar de atirmos postaes pelas bocca dos nossos canhões «Krup de folha», mandaremos granadas, que ha-de ir tudo raso.

Os outros que não forem armados como nós, que se aguentem debaixo da batatada.

Para o Chiado em dias de reinação, só armados até aos dentes!

*

Ainda dentro da republica portugueza se pode personificar a monarchia.

Acaba de o fazer o illustre administrador do concelho de Setubal,

S. Ex.ª poz a andar sem mais aquellas o camarada José do Valle, que áquella terra tinha ido no desempenho da sua profissão de jornalista, talvez com carradas de rasão, porque visto que os thalassas são todos republicanos da gêma, é para suspeitar que o Valle seja um reaccionario de todos os demonios.

E que julgam vocelencias que o sapientissimo administrador disse ao camarada d'«O Mundo»?

Disse-lhe que o jornal se podia fazer substituir por outro que não tivesse ideias!

Admiravel administrador do concelho!

Jornalistas sem ideias!

Aqui está a monarchia a falar pela bocca d'uma autoridade da republica.

Jornalistas sem ideias, serventuarios sem consciencia, ministros sem cabeça, occos como uma avelã chocha. Era isto o que a monarchia falida precisava.

Mas não é isto ainda o que S. Ex.ª ha-de precisar. Lembre-se bem que o mais conveniente é o seguinte:

Jornalistas sem olhos para ver, sem ouvidos para ouvir, e sem coração para sentir, porque para as marotices que S. Ex.ª está consentindo que ahi se façam, só homens nestas condições servirão.

Peça V. Ex.ª por bocca que se manda para lá o Eduardo Coelho que é de bronze e já não pode sentir as tremendas injustiças, que até mesmo em plena republica, se fazem aos filhos do povo, aos desgraçados e famintos proletarios que morrem a trabalhar.

Irra que a gente d'aqui a nada pega n'um pau e até vae tudo a nove!

*

Ha muita especie de ladrão, como ha muita especialidade de roubalheira.

Em ladrões temos, o do nabal, o das galinhas, o da estrada, o do pinhal, o habil carteirista, o «hermano» das ourivesarias com porta para a escada, o do conto do vigario, emfim; uma malta infindavel d'elles, não esquecendo como é de justiça, o diplomatico e fino «adeatador».

As especialidades em que se divide o roubo descarado, são as mais variadas e interessantes.

O assalto prepetrado no pinhal, é o menos usado, por mais perigoso. Para isso são precisos «peitos largos de luctador»

e a maioria dos que nos roubam, se os teem, não «avesam», porem, coragem para se aventurarem, na escuridão tragica do pinhal.

Usa-se pois, alem das artimanhas de tanta gatunagem aqui citada, o assalto disfarçado, a exploração e a falsificação, que é o de mais exito pela sua impunidade de todos os dias.

E' este o roubo por conta-gottas, a extorsão feita nas miudezas que o Povinho compra, o pinhal d'Azambuja encarnado no fiel da balança que o honrado commerciante tem em cima do balcão.

Ha dias fomos nós, ao tasco ordinario da rua de Campo d'Ourique n.º 32, dar 10 réis por uma caixa de phosphoros quando ao chegar á rua, sacavando um palito para accender o nosso almirante, vimos com espanto que a desgraçada estava meia, apresentando na lixa signaes evidentes de ter sido infamemente violada.

Será escusado dizer que o ladravaz, não quiz trocar a caixa, porque um carteirista quando apanha uma carteira não se resolve assim sem mais aquellas a largar o passaro da unha.

Ficámos codilhados. O roubo estava feito e contra roubos d'aquelles, de que o Zé-Povinho é victima a toda a hora, não se mexe a policia.

São palmanços feitos á sucapa, adeantamentos quasi imperceptiveis mas que, praticados a todos os momentos, são maiores que os do Espregueira.

Ora expliquemos nós «Magalhães Bastosmente» falando.

10 phosphoros que sejam roubados n'uma caixa a um pobre desgraçado de Christo, são 2 réis; em dez caixas de phosphoros temos pois um roubo de vinte réis.

Quem rouba dez ou quinze mil réis a um ricaço, mesmo que esse ricaço seja o sr. Ressano Garcia vae parar immediatamente ao calaboiço, terá que se sentar no banco do reu, e nem mesmo Santo Antonio o livrará do estigma de ladrão.

Ora possuindo o pobretão inda menos que mil vezes menos do que tem o rico, segue-se que 2 réis roubados em cada caixa de palitos, representam para si, comparativamente, maior desfalque, muito maior, do que o causado ao ricaço quando se lhe palma quinze mil réis.

Ora se o ladrão que rouba um ricaço vae parar ao Limoeiro, porque não ha-de o gatuno que explora o desgraçado pagode ir tambem até á cadeia?

Ora pense a policia bem n'isto e compenetre-se de que elles, tambem merecem os seus olhares... complacentes.

Mais do que isso: mereciam uma batida em forma como se faz aos lobos!

Irra que são ladrões!

VIU-SE GREGO.

Difficil como burro!

Diz o sr. Pinheiro de Mello:

«E' difficil conciliar os interesses dos commerciantes com as conveniencias do pessoal».

Difficilimo!

O mais facil é, conciliar os interesses dos commerciantes com as conveniencias dos... mesmos!

Djalme d'Azevedo

D'este nosso correligionario e prezado amigo recebemos uma carta em que se escusa da singela homenagem que resolveramos prestar lhe. Como, certamente, se proseguissemos na realisação da nossa ideia iriamos ferir a muita modestia do denodado republicano, «O Zé» resolveu desistir de promover o banquete em honra de Djalme d'Azevedo limitando-se a novamente o saudar pelos seus muitos e valiosos serviços prestados á Republica.

—A policia chegar ao Alto das Conchas para evitar que se partam os vidros dos candieiros que se não accendem.

—O «Seculo» deixar de publicar gravuras que a «Capital» publica na vespera.

—Acabar a epedemia dos jornaes novos que se estendem logo.

—Os electricos deixarem de atropelar os incautos transeuntes.

—Ser posta em execução a lei do descanço semanal, e da regulamentação das horas de trabalho.

—O bispo de Beja vir para o seu ninho «immaculado».

—Os bispos entrarem na ordem.

—Os mantenedores da ordem deixarem de fazer arbitrariedades e terem juizo.

—Os jesuitas deixarem de contar no seu numero o padre de S. Pedro d'Alva, que berra como um damnado contra o Governo.

—Os governantes darem á luz os papeis da Casa da Moeda.

—A moeda passar a ser mais barata.

—As baratas entrarem nas mercearias e baratearem os generos.

—Os generos livres do imposto do consumo descerem do seu preço caro.

—Os caros amigos thalassas do Brazil metterem juizinho n'aquella cabecinha.

—A cabecinha do nosso collega Zé Ilheu deixar de ser uma cabecinha... grande!

Vejam lá

Só do ministerio da fazenda, sahiram 25:000 contos, sem se saber para onde foram!

Olhem, d'onde elles sahiram sabemos nós!

Ou não fosse o «Zé» que tudo paga...

—Que se implora a desculpa
Ao confessar-se uma culpa.
—Que nós desculpa imploramos
Quando a piada largamos.
—Que queiram pois perdoar
Do que aqui vamos falar.
—Que não nos chamem thalassas
Pois isto tudo são graças.
—Qe todos sabem, que não
Ha formosa sem senão.
—Que o Governo liberal
N'algumas coisas vae mal.
—Que tem falta de tezura
Mingua d'uma coisa dura!
—Que a tezura que elle tem
E' p'ro Povo e mais ninguem.
—Que ás grévistas operarias
Tem-se feito infamias varias.
—Que em Setubal se passaram
Casos que nos difamaram.
—Que o governo poz-se ao lado
Do patrão athalassado.
—Que elle só devia estar
Junto ao Povo a vigiar.
—Que o governo antes de o ser
Ao Povo se ia acolher.
—Que o Povo d'onde sahiu
Sempre a seu lado se viu.
—Que o Povo na praça publica
E' que fez esta republica.
—Que a força d'uma nação
E' a humilde população.
—Que um governo que ella fez
A fugir-lhe, é malvadez!
—Que isto assim vae muito mal
Seu governo «libaral!!»

A melhor fabrica de chapeos é a de Manoel Augusto da Silva

CONSELHO DE MINISTROS

TRAJE OFFICIAL DA REUNIÃO DE DOMINGO-GÔRDO

—Então que me diz ao Carnaval?

—Que hei de dizer? Que esteve muito «pifio!»

—Ora, ora não diga isso! Pelo contrario, até esteve bastante animado!

—Pois olhe, não me pareceu.

—Não lhe pareceu porque não houve aquellas brutalidades dos mais annos; porque faltou as brincadeiras do «Turf» e do «Club Tauromachico», d'onde a marialvada despejava carradas de tremoços sobre quem passava, estragando os chapeus e os fatos dos desgraçados tranzeuntes, mas brincou se muito na rua, sem haver uma nota discordante.

—Pois sim, mas a respeito de mascaras, foi de uma pobreza franciscana.

—Não diga isso!... Appareceram crianças mascaradas que eram um encanto e mesmo alguns carros, poucos é verdade, mas de um bello effeito.

—Ora, ora!...

—Viu o carro do «Zé?»

—Vi, imitando uma fortaleza, mas não percebi o que aquillo queria dizer.

—Não percebeu?... Queria dizer que o Zé é forte como um castello, e que está sempre prompto a defender os seus interesses.

—Mas tantos «Zés Povinhos», não sei para quê...

—Então queria que fosse só um Zé? Nada, nada, todos os «Zés» que levava ainda eram poucos. E assim, tudo de pé, para mostrar que o Zé está de pé, cabeça levantada e firme no seu posto.

—Quer dizer: não é um Zé murcho, um Zé fraco...

— Exactamente.

—Bem, convenço-me.

—E os bailes? Vocemecê foi ao Colyseu ao Nacional, ao Republica? Que lindos estavam e que animação!...

--O Colyseu estava bonito, isso estava. Fui lá com meu primo no domingo... aquillo é que era gente!...

—E nos outros bailes a mesma coisa.

—E dizem que não ha dinheiro...

—Ora adeus!... N'estes dias não se olha a nada! Até alguns são capazes de empenhar os lençoes da cama, para se divertir... Perde-se a cabeça, creia.

—Olhe, a cabeça ia eu perdendo no domingo, lá no baile, por causa d'um dominó, preto.

—Serio?

— E' verdade!

—Então como foi isso?

—Não vê que eu fui mascarada com receio de ser conhecida e levei um dominó preto com uma fita vermelha no hombro, mas meu primo uma occasião em que foi comprar tabaco, appareceu-me d'ali a pedaço de braço dado com outro dominó igual ao meu. Imagine como fiquei!...

—E depois?

—Depois dei me a conhecer e elle então percebeu o engano, se é que foi engano...

—Quem sabe se elle quereria «fazer dominó» para os dois lados?...

—Ora, ora!... Já não era a primeira vez...

Ariel.

♣

Mas onde diabo se encaixaram aquelles oitocentos bravos... do Pará que não somos capazes de os ver?

Fallem, com seiscentos diabos!

O poema da rua

XII

Em que o auctor encontra uma volta (que é como quem diz — uma colleira de padre).

Encontrei perdida no caminho
E enterneceu me a sua desventura:
Era uma volta cheia de gordura
E com laivos de vinho.

Então examinei-a com carinho,
Ficando me a scismar no «santo» cura
Que maculára a esplendida brancura
D'um tecido de linho!...

Pensei em ir mostra-la á humanidade,
Como sendo uma antiga raridade
Digna de adoração.

Porém saltou-me á «pinha» outra lembrança:
Meu leitor, vou manda-la, sem tardança,
Ao Mattos borrachão.

*

No soneto XI onde se lê:

E inda nenhum cantou poêma—oh! collossal!—

deve ler-se:

E inda nenhum cantou—oh! poêma collossal!—

Manuel Chagas (Pardielo)

Tribuna do Zé

Do sr. Bernardino das Neves, cidadão maior, republicano e vacinado, segundo declara, recebemos uma missiva em que nos pede para dar mos o alvitre de pôrem á rua Ferreira Borges o nome de R. da Primeira Granada.

Ca fica o alvitre que achamos justo, justissimo. O alvitre não é para espantar ninguem, anda na boca de todos em Campo d'Ourique.

E' mesmo a vontade de todos, se póde dizer.

O sr. Ferreira Borges que vá passeiar, visto que ainda não adheriu!

* * *

A proposito d'uma zaragatinha que se deu aqui perto da nossa porta, recebemos uma carta do cidadão J. P. C. (carro de linha?) que nos pede para pôr o caso em pratos limpos.

Por acaso nós tambem passavamos na occasião e tivemos ensejo de presenciar o caso, que se deu tal qual como o cidadão J. P. C. nol-o conta.

Passava o cidadão J. P. C. e viu dentro d'um estabelecimento um moço de fretes espancando brutalmente uma rapariga.

A bestinha apertava como um damnado o pescoço da desgraçada, que parecia quere-l'a matar.

Ao fundo, imperturbavel, um guarda nacional passeiava a espingarda como quem passeia um menino.

O nosso cidadão J. P. C. como tem um coração no lado esquerdo do peito, revoltou-se contra tanta selvageria e começou a gritar desesperadamente pelo guarda.

Mas o homem era de gesso.

Então o nosso J. P. C., que deve ter um genio muito picado das bexigas, perdeu a trasmontana, e pegou n'uma tabua como quem pega n'um cacete.

O moço de fretes quedou-se, porque um homem com uma tabua na mão é muito differente d'uma rapariga indefesa.

Neste momento appareceu um outro personagem que se agarrou ao nosso J. P. C. o que lhe valeu levar com a tabua na cabeça. Foi então que a autoridade deu signal de si, levando preso o sr. J. P. C. que pouco depois soltou.

E' assim, a autoridade.

Assiste impassivel á formação d'uma zaragata; se dessa zaragata sae um crime a autoridade apparece depois, para dar este remedio: prender o criminoso. E' o remedio das Caldas.

Disseram-nos depois que a pequena é sobrinha do bruta montes.

Mas então, querem que um cidadão, quando vê alguem a ser espancado sem dó nem piedade, vá primeiro perguntar se é da familia, para depois acudir?

E se for da familia, deixa se matar?

Ora o diabo não tem somno!...

Que grande escova!

Vocês leram aquella grande peta da Restauração da monarchia Portugueza?

Que grande carrapetão!

Aquelles thalassas «di lá» são damnados!

Grandes casmurros

Segundo o manifesto distribuido aos «lorpas» do Brazil, as forças monarchicas fizeram quartel general em Cacilhas.

E' então conspiração burrical?

De mais a mais no mez da tosquia!

Ora os burros!

Epitaphio

Aqui jaz Affonso Pau
Santo Carvalho Nogueira
Que falleceu d'um quinau
Apanhado na Madeira.

Logo vimos...

As forças fieis á monarchia que os thalassas visionaram no seu manifesto desembarcaram alta noite, segundo lá dizem, na Rocha do Conde d'Obidos.

Lá nos parecia que alli havia mysterio... da Rocha do Conde d'Obidos.

O' seu Cervantes d'Aro, os noveleiros roubaram lhe a ideia!

Só lá falta as gaivotas a fazerem pio... pio...

LANTERNA QUE NÃO ALUMIA

Um homorista faz graça a proposito de uma carta que diz têr recebido de uma dama que lamenta o terem-lhe pedido um cruzado (?) por uma duzia de carapaus e diz que só o carapau de gato adheriu estando por isso o taludo mais caro. Olhe, como influencia da Republica os cagaços é que ficaram baratos.

E o collega lá o sabe não é verdade?

DROGARIA DE ... (margin, partially visible)

Bebam todos Agua Castello

Contos rapidos

No meio dia da França (não estou certo se é no meio dia se na meia noite, mas emfim, supponhamos que é no meio dia), ha uma provincia chamada Assêca, cujo «maire», excellente pessoa aliás, não queria que a filha, linda, como os amores,... perfeitos, casasse com o primo, um tal Navet, (cuja traducção em portuguez, quer dizer «nabo») por este ser doido por mulheres, e ter a certeza que á filha lhe havia de custar a aguentar um valdevinos como este, que só ambicionava andar na pandega, sem fazer nada, e sempre de corpo ao alto.

Mas bem se importava a Ninette que o pae góstasse ou não do primo Nabo.

Gostava ella e era quanto bastava.

Um dia ao almoço, o «maire» declarou terminantemente á filha, que não lhe consentia conversas com o primo, mas ella embuxou-o com esta pergunta feita á queima roupa:

—Mas diz me, papá, quem e que casa com Navat? Sou eu, ou tu?

Em França toda a gente se trata por tu.

—Sou eu! continuou ella, portanto não tens nada com isso!

E cheia de indignação, começou a cantar com gosto largo, batendo ao mesmo tempo no peito

O Navet é meu,
Não o dou a mais ninguem!
....
....

Isto, em francez, já se sabe.

Depois levantou-se arrebatadamente da meza e sahiu.

Durante todo o dia, o pae não foi capaz de lhe pôr a vista em cima.

A rapariga abalára de casa e fugira com o namorado.

No dia seguinte, o «maire» recebia um telegramma do prior d'uma freguezia visinha, dando-lhe parte que a filha estava ali, para se casar com o rapaz com quem fugira, e que lhe pedia a elle, pae, auctorisação para levar a effeito o casamento.

O «maire» foi aos ares e mandou a seguinte resposta:

«Faça o que quizer, mas creia que é contra minha vontade tal enlace e tanto que vou escrever para Roma, afim de que os excommungue o Papa.

«Maire» d'Asseca».

No fim de contas não escreveu, porque era pae e gostava da filha.

E com os seus botões, dizia pensando no assumpto, mas já resignado:

—Isto de raparigas, são o diabo! O que ellas querem é casar e não se importam que o noivo seja Pepino ou Massaroca!... A minha levou um Nabo!... Pois agora aguente se com elle, que cá em casa não torna a metter o... nariz.

Mal diria elle que apesar de tudo, a filha antes de um anno o presenteava com um netinho que no fim de contas foi um prazer para este «maire» d'Assêca.

ARIEL.

As barbas do visinho a arder...

Sobre o descanço semanal diz um jorna que a Republica não gosta de doce. O camaradinha é que ganhava um se tivesse estado á janella quando os intestinos do parceiro estavam em revolução.

E'na pae d'esta é que vae.

Dizem as gazetas que pelo Norte vão entrar milhares de hespanhoes, por Este outros tantos e pelo Sul não sabemos quantos.

Só o bispo de Beja é que não consegue entrar.

Para elle só o contrario...

Protecção para um!

«O Seculo», o tal do 4 de maio, diz muito tezo «contem comnosco», a proposito da Casa da Moeda, e fecha o artigo com essa phrase tão teza. Cá nós pedimos ao «garrrande informmadorrr» que nos protoja, se bem que nos pareça não sêr facil investir contra o Zé.

Tiro ao alvo

A um bispo

Tu, bispo, meu thalassa do diabo
Que andavas para ahi a conspirar,
Já tens uma cadeia presa ao rabo
P'ra ver se não te poes a refilar!

Quem te mandou ter modos de nababo
E andar caisas nas trevas a tramar?
P'ra que? Se d'essa trama toda ao cabo
A's grades da cadeia vaes parar!

Tem paciencia filho, vae sofrendo,
Todo resignação de visionario,
O frio que ha no carcer, tão horrendo

Sofre meu «bispote» tambem Deus
Padeceu quando foi rev'lucionario
E até já tem sofrido ultrajes teus!

VIU-SE GREGO

Mãos largas

Quatro mil réis por cada sessão a cada deputado. Seis mil réis por duas.

E quanto ganha o Zé por os aturar a todos?

E' como lhes cantamos

Olhem, meninos, quem não tem rasca na assadura da Casa da moeda, sabemos nós:

E' o «Zé» jornal e «Zé» Povinho que paga tudo!

O ZÉ no theatro

Passeava eu hontem com o meu amigo João Affonso Maneta, quando passando junto do theatro **Republica** tentei falar-lhe na festa que o grande actor Brazão vae levar a effeito representando a bella peça «Envelhecer».

Mas o meu amigo que é farmaceutico não me dava sahida á conversa; não deixava de falar em remedios e eu não achava remedio para me ver livre d'elle.

Ao subir a **Trindade** falei-lhe no theatro do mesmo nome onde «Sangue Viennense» deve alcançar um sucesso verdadeiramente ruidoso; citei-lhe o **Gymnasio** e disse-lhe coisas do «Rato Azul»; lembrei-lhe o **Nacional** onde vae a «Miquette e a mamã»; cantei-lhe trechos da zarzuela do **Avenida;** falei-lhe do **Colyseu dos Recreios** onde temos o Donnini; referi-me ao **Apollo** onde a bella revista «Agulha em Palheiro» tem dado e ha-de dar por toda a consumação dos seculos, tão grandes enchentes; e por fim começava a falar-lhe no **Theatro Salão Avenida** onde está a Companhia Infantil e vae a revista Emfim, quando elle interrompendo-me me diz:

—Queres tu saber a maneira original como eu uma vez curei um dor horrivel de calos?

—Diz lá.

—Olha, metti-me uma vez no comboio para Cascaes. Os callos atormentavam-me d'uma maneira horrorosa. Eu não podia parar. N'isto o comboio discarrila, e eu fico com um braço esmigalhado...

—! ?

—E tão grande foi a dor do braço decepado, que me esqueci logo da dor de calos!

JOÃO D'ALEM.

Isso é que é ver longe

Uma passagem d'um discurso de saudação ministerial n'uma terrinha da provincia:

«Hoje a Republica quer homens previdentes e assim os cidadãos devem ter um olho no passado, outro no presente e outro no futuro».

Com tanto olho, este deve ir longe mas nem assim viu a asneira que largou.

Tal qual

A casa da moeda está-nos a parecer o Eden. A syndicancia é a maçã em que se não póde tocar.

Quem comer a maçã fica com um caroço no pescoço e cae em peccado mortal!

ANIMATOGRAPHOS

A's terças e sextas feiras
No **Terrasse** do **Chiado**
Ha bellas Sessões da moda
Que deixam tudo encantado.
Tambem o **Salão Central**
Tem nas fitas que apresenta
Programma sensacional
Que o mundo inteiro contenta
E o **Salão Ideal**
O **Foz** e mais o **Trindade**
Teem fitas sem egual
A não ser no **Liberdade**.

Poetas visionarios

Um dos conspiradores de Córtes é o illustre cidadão Francisco Poeta.

Bem nos queria parecer que aquillo era coisa de poetas!

Estavam todos a sonhar!

Coitaditos...

E os cidadãos revolucionarios de Córtes?

Tinham saudades dos «córtes» que a monarchia fazia nas massas do Povinho, hein seus marotos!

Ora os sucios!

A NACIONAL Typographia e encadernação

Trabalhos em todos os generos simples e de luxo

38, Rua da Conceição da Gloria (á Avenida), 40

LISBOA

BONBONS, CACAU, KACULA

Pedir em toda a parte

lho, 158, Rua da Prata, 160—LISBOA.

ZURRAPA PERIGOSA
VINHO CONSERVADOR
—O' MULHER, TU POES-TE N'ESSE ESTADO COM ESSE MALDITO VINHO E VAE TUDO POR AGUA ABAIXO!
RADICAL
S.S.